

EMBATE CULTURAL: UMA ANÁLISE DO CONTO “OS CASAMENTEIROS”, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Leandro Lopes Soares (UERN)¹
Sebastião Marques Cardoso (UERN)²
Maria Edileuza da Costa (UERN)³

Resumo: No livro de contos *No seu pescoço* (2017), a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, apresenta narrativas com temas variados e bastante atuais, que favorecem uma análise a partir das teorias pós-coloniais, bem como para os estudos da cultura. Pensando nisso, esse trabalho faz uma análise do conto “Os casamenteiros”, presente na obra supracitada, enfatizando o choque cultural vivido pela protagonista. Destacamos que por meio desse casamento há a tentativa de dominação de uma cultura tida como branca e por isso superior, em relação à outra, negra e considerada inferior.

Palavras-chave: teoria literária; literatura africana contemporânea; pós-colonialismo; crítica cultural.

Introdução

A cultura africana vem ganhando, aos poucos, espaço nos diversos meios que divulgam a arte na contemporaneidade. Nessa perspectiva, a literatura produzida em África alcança cada vez mais países pelo mundo, expandindo seus

¹ Mestrando em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PPGL/UERN) na linha de pesquisa Texto Literário, Crítica e Cultura. Graduado em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA), Campus Missão Velha, CE. E-mail: leandrolopes83@yahoo.com.

² Doutor em Teoria e História Literária pela UNICAMP. Professor Adjunto em Teoria da Literatura do Departamento de Letras Estrangeiras, pesquisador permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras, mestrado e doutorado, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: sebastiaomarques@uol.com.br.

³ Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professora permanente e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PPGL/UERN). E-mail: edileuzacostauern@gmail.com.

horizontes literários a lugares antes não alcançados. Com isso, o destaque que ela vem tendo nas universidades, em adaptações fílmicas, como também na sociedade é prova da emergência em trazer a literatura africana para as discussões acadêmicas. Como resultados dessa expansão literária, temos as traduções feitas de obras de autores nigerianos, por exemplo, que hoje chegam a diversos outros países, inclusive o Brasil.

Em se tratando de literatura nigeriana é notória a presença marcante de fortes traços dos conflitos ocorridos no país, bem como seus efeitos na sociedade. Os escritores, cada um com seu estilo, retratam ficticiamente uma realidade em mudança. Nomes como Chigozie Obioma, Helon Habila, Chinua Achebe e Chimamanda Ngozi Adichie são destaque como representantes dessa literatura que cresce em todo o planeta. Além destes, podemos citar Wole Soyinka, consagrado escritor e autor de diversas obras, entre elas *O leão e a joia* e *The interpreters*, seu primeiro romance. Soyinka ganhou o prêmio Nobel de Literatura em 1986 (Cf. LOPES, 2014).

Existe, no entanto, grande preconceito com escritores negros e a consequência é a desvalorização de obras tratantes dessa cultura tão rica e tão desprestigiada. Não há espaço para literatura negra, assim como não há espaço para qualquer outra minoria. Sendo assim, a lógica para uma literatura que trata da realidade vivida por aqueles que sofrem diariamente com a discriminação e com o preconceito, é que ela deve ser barrada para que a sociedade não tome conhecimento das barbaridades feitas pelos brancos.

Essa é uma constatação triste, porém verdadeira, que assola as minorias em todas as perspectivas. Em se tratando dos negros, as consequências da colonização africana alcançam níveis extraordinários de representação. Nesse sentido, é comum homens negros verem-se submissos aos brancos, inferiores em sua natureza, tentando a todo custo chegar o mais próximo possível da importância dada ao homem branco. Muitos africanos, bem como seus descendentes espalhados pelo mundo, rejeitam sua cultura de origem permeada de beleza e encantamento, apropriando-se da cultura dos brancos, como uma forma de ascensão social e econômica.

Partindo dessa lógica, a proposta desse trabalho é analisar o conto “Os casamenteiros” da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, inserido na obra *No seu pescoço*, título dado à tradução do original *The thing around your neck*. Para tanto, consideraremos, na narrativa, a linguagem como principal quesito de diferença cultural e imposição de uma cultura sobre a outra. Levaremos também em consideração a submissão da personagem feminina em relação ao masculino numa relação patriarcal evidente, espelho de um povo marcado por uma discriminação oriunda do período da colonização.

O trabalho segue tratando inicialmente da literatura da escritora Chimamanda Ngozi Adichie, considerando suas duas famosas palestras/conferências TED, seus romances e o primeiro livro de contos. Na sequência, partimos para a análise do conto a partir dos estudos pós-coloniais e culturais segundo Fanon (2008) e Bhabha (2013) para, enfim, apresentarmos nossas constatações sobre o conto.

A literatura de Chimamanda Ngozi Adichie

Um nome de peso, representante da literatura de autoria feminina africana e das lutas em prol do feminismo na contemporaneidade, é o de Chimamanda Ngozi Adichie, escritora nigeriana nascida em 1977. A autora do premiado romance *Meio sol amarelo*, obra posteriormente adaptada para o cinema, vem ganhando destaque no cenário literário mundial tendo suas obras traduzidas em dezenas de países. Além de escritora, ela também foi professora, é conferencista e ministrante de palestras em eventos ao redor do mundo.

Na medida em que iam sendo lançados, seus romances foram ganhando espaço e público, despertando o interesse da crítica literária e de leitores. Desde *Ibisco roxo*, o primeiro deles, passando por *Meio sol amarelo* e *Americanah*, o peso marcante de uma escrita voltada para as relações humanas de um modo geral, ganhou corpo. Com isso, podemos afirmar que Chimamanda Ngozi Adichie, uma mulher africana, negra e feminista, conseguiu atrair os olhares de milhões de leitores de diversos países no mundo para a África e toda a sua beleza cultural.

Tornou-se conhecida e requisitada em eventos pela qualidade de sua obra, por suas duas palestras/conferências TED (Tecnologia, Entretenimento, Planejamento) e também através da música *Flawless*, da cantora americana Beyoncé, onde um trecho de sua conferência *Sejamos todos feministas* aparece na canção. Esse discurso adichiano foi publicado no Brasil pela Companhia das Letras em 2015 com título homônimo, trazendo à público experiências em que foi vítima do machismo e quão importante e urgente é a mudança no pensamento, bem como na educação das pessoas, começando, inclusive, na infância.

Em outra conferência, intitulada *O perigo de uma história única* proferida em julho de 2009, deparamo-nos com uma belíssima fala carregada de intensidade sobre o perigo de se contar apenas um lado da história sendo, que ela sempre tem duas versões. Chimamanda disserta sobre uma visão única, repassada e contada em diversos países sobre a cultura africana, resultando num olhar enclausurador sobre o negro e sua cultura, algo que vale também para outras situações.

Já no livro *No seu pescoço*, primeira obra de contos de Chimamanda, é possível vivenciar histórias fortes, algumas impactantes, tendo como cenário o continente africano e o europeu, com personagens transitando entre esses dois territórios. O livro é composto por doze contos com histórias que variam em temáticas concernentes à condição do homem africano diante de seu próprio povo e do homem americano. Nesse sentido, as histórias transitam entre os espaços desses continentes, revelando curiosidades sobre a cultura de ambos, bem como o choque vivenciado pelas personagens ao ter contato com essas culturas.

O destaque da obra é o conto que concede o nome ao livro, "No seu pescoço", narrado em segunda pessoa. A opção por esse ponto de vista narrativo aproxima o leitor da história e da personagem. No conto, uma africana vai morar nos Estados Unidos na esperança de mudar de vida, mas ao chegar no país percebe que as coisas não são tão fáceis como parecem e sente na pele como é viver num país onde os brancos são os donos do poder. Essa temática aparece em outros contos, inclusive em "Os casamenteiros", conto a ser analisado a seguir.

Um embate cultural: dois países, dois personagens e um casamento

O conto "Os casamenteiros" narra a história de uma mulher chamada Chinaza que sai da cidade de Lasgo, na Nigéria, para viver nos Estados Unidos, especificamente em Nova York. O motivo da mudança de país é um casamento arranjado por seus tios com um "médico" chamado Ofodile. A personagem não escolheu, mas aceitou sem questionar como forma de gratidão aos tios pela acolhida e pelos cuidados que recebeu. Embora houvesse motivos que em si já eram grande agradecimento.

Eu agradei aos dois por tudo - me arrumar um marido, me receber em sua casa, me comprar um par de sapatos novos a cada dois anos. Era a única maneira de não ser chamada de ingrata. Não lembrei a eles que queria fazer o exame nacional de admissão de novo e tentar entrar numa universidade, que enquanto estava no ensino médio, graças a mim a padaria da tia Ada vendera mais pão do que todas as outras de Enugu, que os móveis e assoalhos da casa brilhavam por minha causa (ADICHIE, 2017, p. 183).

O conto em si é a aventura de uma africana tentando se adaptar a uma cultura diferente da sua. Ao narrar os fatos, dessa vez em primeira pessoa, a narradora-personagem relata o choque cultural de alguém que vivia na Nigéria e que passa a viver em Nova York. Ela, ao mudar de país, vivencia esse choque que tem como ponto crucial a linguagem. Chinaza encontra-se numa situação na qual é proibida de falar sua língua materna e forçada a utilizar o inglês.

A todo momento, a personagem feminina é repreendida pelo personagem masculino. Ao referir-se, por exemplo, a objetos com expressões usadas comumente em seu país, Chinaza é advertida por Ofodile para que passe a usar a língua dos americanos. A personagem atende a todos os pedidos de maneira subserviente. Essa troca forçada de linguagem atinge até mesmo seu nome: em Lasgo, Chinaza Agatha Okafor; em Nova York, Aghata Bell.

Frantz Fanon em *Pele negra, máscaras brancas* trata da relação do negro com a linguagem e isso casa perfeitamente com o drama vivido pela personagem do conto adichiano. Segundo o estudioso, o negro ao sair de seu país de origem para outro de cultura branca, tenta falar da mesma maneira que os brancos, acreditando com isso igualar-se a eles em termos de importância. Dito de outra forma, no pensamento do negro, fazer uso da linguagem do homem branco, torna-o superior a seus irmãos de cor e mais próximo daqueles que no passado foram seus colonizadores. Nas palavras do próprio Fanon: "Falar uma língua é assumir um mundo, uma cultura. O antilhano que quer ser branco o será tanto mais na medida em que tiver assumido o instrumento cultural que é a linguagem" (FANON, 2008, p. 50).

O filósofo martinicano adverte, porém, que suas considerações são direcionadas para as Antilhas francesas, mas que podem perfeitamente se aplicar a qualquer etnia que passou pelo processo de colonização.

Fazendo referência a outros trabalhos e às nossas próprias observações pessoais, gostaríamos de tentar demonstrar porque o negro se situa de modo tão característico diante da linguagem europeia. Lembremos ainda uma vez que as conclusões às quais chegaremos só são rigorosamente válidas para as Antilhas Francesas; não ignoramos entretanto que os mesmos comportamentos podem ser encontrados em meio a toda raça que foi colonizada (FANON, 2008, p. 40).

Partindo dessa premissa e remetendo-a ao conto em análise, em diversas passagens acontece exatamente isso: o personagem masculino, por viver a mais tempo em Nova York, acostumou-se com a linguagem americana e com os costumes, enfim, adotou aquela cultura. Quando a personagem feminina chega à cidade, passa por determinadas situações e reage como reagiria se estivesse em seu país de origem. Ofodile, porém, a repreende todo tempo, afirmando sempre que os americanos falam de outra forma e que por ela estar vivendo no país deles, deve falar como eles.

O primeiro estranhamento acontece no dia seguinte a sua chegada. Chinaza, ao tentar ligar para os tios na Nigéria, usa a expressão "está em comunicação" para dizer que o telefone está ocupado. Nesse momento, seu marido a corrige e pede para ela falar como os americanos. Vejamos o trecho:

"Consegui falar?", perguntou meu novo marido.

"Está em comunicação", respondi, virando o rosto para que ele não visse minha expressão de alívio.

"Ocupado. Os americanos dizem 'ocupado', não 'em comunicação'", disse ele (ADICHIE, 2017, p. 184).

Percebemos, a partir desse trecho, como Ofodile impõe a norma americana a sua esposa Chinaza. Uma espécie de troca forçada de linguagem que equivale à uma substituição de sua cultura. A mulher africana é incentivada pelo marido a deixar de lado sua língua materna e fazer uso do idioma americano. Isso ocorre inicialmente com situações pequenas, aparentemente sem importância, mas à medida que a narrativa avança torna-se cada vez mais recorrente.

Em outras passagens, acontece o mesmo, como no momento em que ela vai preparar o chá e não tem leite em pó "os americanos não fazem chá com leite e açúcar" (ADICHIE, 2017, p. 184). Ou no momento em que Chinaza é apresentada à sua vizinha Shirley e responde ao cumprimento dela como se estivesse em seu país. Ofodile, porém responde: "você deve dizer 'oi' aqui, não você é bem vinda" (ADICHIE, 2017, p. 185). Também quando vai comprar bolacha "biscoito. Os americanos chamam de biscoito" (ADICHIE, 2017, p. 187). Há momentos em que as repreensões alcançam níveis mais radicais, como no shopping ou na cozinha com o arroz de coco.

No shopping, Aghata experimenta diversas coisas que nunca tinha visto antes, apresentadas empolgadamente por Dave, identidade americana de Ofodile. Lá ela anda pela escada rolante, come pizza, tem o contato com um mundo diferente e uma cultura diferente da sua. Ao perguntar se no shopping não tinha elevador, seu marido a adverte mais uma vez. O trecho merece ser destacado:

“Biko, eles não têm um ascensor?”, perguntei. Pelo menos, uma vez, no prédio do governo local, eu tinha andado no ascensor barulhento, que tremia durante um minuto inteiro antes que as portas abrissem.

“Fale inglês. Tem gente atrás de você”, sussurrou ele, me puxando na direção de um balcão de vidro repleto de joias que brilhavam. “É elevador, não ascensor. Os americanos dizem elevador” (ADICHIE, 2017, p. 190).

Percebemos a partir do excerto o empenho do personagem masculino em fazer a personagem feminina agir segundo um modelo americano de comportamento. Isso é refletido nas vestimentas, na comida e principalmente no modo de falar. Notamos também o desconforto da mulher diante das exigências do marido; ela é recém-chegada de África e seu esposo já quer que ela se comporte como ele, há onze anos nos Estados Unidos, ou seja, ele a deseja igual aos daquela nacionalidade.

Um pouco mais adiante no conto, Aghata resolve cozinhar um prato típico nigeriano para Dave; a escolha foi arroz de coco. Pela primeira vez é perceptível certa felicidade na personagem dada a autonomia para decidir sozinha o que fazer. O resultado é o aroma da comida espalhado por todo o prédio, chamando a atenção dos moradores. Shirley, uma de suas vizinhas, elogia muito a comida ao chamar Dave para verificar seu ar-condicionado, com problemas:

Antes de eles irem, Shirley acenou para mim e disse: “O cheiro está *muito* bom”. Senti vontade de convidá-la para comer um pouco de arroz. Meu novo marido voltou meia hora depois e comeu a refeição cheirosa que eu coloquei diante dele, chegando até a estalar os lábios como tio Ike às vezes fazia para mostrar à tia Ada como estava satisfeito. Mas, no dia seguinte, ele chegou com um livro chamado Receitas americanas de uma boa dona de casa, grosso como uma Bíblia (ADICHIE, 2017, p. 192).

Em toda a narrativa há uma série de imagens que configuram um comportamento racista do marido em relação a sua esposa. Bhabha (2013) trata dessa questão denominando-as de estereótipos, que podem ser entendidos como imagens fixas que determinam uma espécie de padrão atribuído a todos que compartilham daquela imagem. No conto, Dave menospreza a cultura africana por completa, apoderando-se da americana, considerada por ele como superior. Aghata presencia inúmeras cenas em que o marido faz uso de um discurso estereotipado para tentar convencê-la de que a cultura africana é inferior à americana. Indiretamente, Ofodile menospreza também os negros, pois eles são a própria cultura africana, vivificada.

A partir de tudo que foi exposto até aqui é possível destacar um elemento sobrepujante em todo o conto e que revela a habilidade criativa de Chimamanda ao tratar de um tema atual e recorrente, o embate entre culturas diferentes na qual uma, vista como superior, tenta dominar a outra, considerada inferior. No caso do conto adichiano, a peculiaridade ocorre por conta de um personagem de nacionalidade

africana, há muito tempo residente nos Estados Unidos, renegar sua cultura de origem e tentar a todo custo fazer com que sua esposa, também africana, faça o mesmo. A mulher, porém, não está disposta a seguir os passos do marido e mostra-se desconfortável diante dessa situação de submissão com fortes características também do patriarcalismo (SAFFIOTI, 2015, p. 139).

Temos, então, uma situação em que a diferença cultural é gritante. Segundo Bhabha (2013, p. 69), a diferença cultural é caracterizada pela supremacia de uma determinada cultura sobre a outra, em que a considerada hegemônica e superior, aqui a cultura americana, quer dominar uma outra, tomada como inferior, no caso, a africana. No conto de Chimamanda, o personagem Ofodile (Dave) é um africano que vai morar nos Estados Unidos e lá vive há onze anos. Por conta de todo esse tempo, vivendo em solo americano, o personagem apodera-se dos costumes desse povo, passando a renegar sua cultura de origem.

A partir desse personagem, presenciamos a troca de culturas, consequência do período colonial, já que, tudo que é relacionado ao homem branco é visto como bom e superior e o que é relacionado ao homem negro é ruim e menor. Estamos, portanto, diante de uma relação forçada de identificação cultural, pois um africano despreza suas origens em louvor a outra cultura e ainda tenta convencer a todo custo que a esposa recém-chegada da Nigéria faça o mesmo.

Exemplo flagrante disso é, Chinaza (Agatha Bell) narra a reação de Dave ao observar pessoas comprando em um local que para ele remete àquelas que não alcançaram, nem alcançarão o sucesso ou melhores condições de vida, por não se adequarem aos costumes dos que vivem nos Estados Unidos:

“Olhe para as pessoas que fazem compras aqui. São o tipo de pessoa que emigra e continuam a agir como se estivesse em seu próprio país”, disse ele indicando com desprezo uma mulher e os dois filhos, que estavam falando espanhol. “Eles nunca vão avançar se não se adaptarem aos Estados Unidos. A sina deles é continuar comprando em supermercado como este” (ADICHIE, 2017, p. 188).

O que percebemos nesse trecho é o abandono da própria cultura, uma troca que pode até ser considerada de identidade. O personagem Dave não é mais um homem nigeriano nascido em África, ele é agora um americano, em comportamentos, atitude e pensamento. Para ele adaptar-se aos Estados Unidos é a única forma de crescer nesse país; em outras palavras, abandonar sua cultura de origem e incorporar outra é tornar-se igual àqueles que os veem como subalternos, colonizados, inferiores; é o que diz Fanon: “Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negritude, seu mato, mais branco será” (2008, p. 34).

Nesse sentido, além de uma apropriação dos costumes americanos, o personagem também os considera superiores e insiste em fazer com que sua esposa passe a agir como ele, discriminando e produzindo um campo de forças que culmina em uma total separação de culturas. A narrativa de Chimamanda retrata muito bem esse processo de adequação da personagem Agatha Bell, dada a imposição cultural operada por Dave em relação a sua parceira. Como nos diz Bhabha (2013, p. 65):

A narrativa e a política cultural da diferença tornam-se o círculo fechado da interpretação. O outro perde seu poder de significar, de negar, de iniciar seu desejo histórico, de estabelecer seu próprio discurso institucional e oposicional. Embora o conteúdo de uma "outra" cultura possa ser conhecido de forma impecável, embora ela seja representada de forma etnocêntrica, é seu local enquanto fechamento das grandes teorias, a exigência de que, em termos analíticos, ela seja sempre o bom objeto de conhecimento, o dócil corpo da diferença, que reproduz uma relação de dominação e que é a condenação mais séria dos poderes institucionais da teoria crítica.

As consequências dessa situação permeiam toda a narrativa que, entretanto, sofre uma reviravolta no momento em que surge uma nova personagem, Nia, outra vizinha do casal. No primeiro encontro entre as duas mulheres presenciamos o contato entre dois tipos femininos: uma presa a uma vida em que age de forma subalterna, e outra que representa a própria liberdade. Ambas compartilham uma característica comum: são negras. O que as diverge é a nacionalidade. Aghata é africana e Nia, americana.

A partir desse encontro, a personagem central da narrativa começa a atentar para sua situação de submissão em relação a tudo: aceita o casamento arranjado pelos tios, troca de país, de nome e até de cultura. Na personagem Nia ela vê o seu oposto. Nessa cena do encontro entre as duas mulheres é apresentado um dos pontos altos do conto, o fato de uma negra nascida na América ter trocado seu nome por um africano, e ela, natural da África, ser obrigada a trocar seu nome por um americano.

Vale ressaltar ainda as questões envolvidas nessa troca de nomes. Nia muda seu nome por livre e espontânea vontade, motivada pelo período em que viveu por três anos na Tanzânia. Já Agatha é praticamente obrigada por seu marido; Este é mais um aspecto característico do patriarcado. Para seus tios e seu marido, ela tem que fazer o que ele mandar. Até sua tia lhe aconselhava a fazer coisas para agradá-lo, colocando-o em uma posição de adoração onde o que impera é a dominação do personagem masculino sobre a feminina. A mudança de nome faz Agatha refletir: "Ah', eu disse, balançando a cabeça. Ela, uma negra americana, tinha escolhido um nome africano, enquanto meu marido me obrigava a trocar o meu nome por um nome inglês" (ADICHIE, 2017, p. 194).

Após conhecer Nia, Agatha sente-se motivada a conseguir um emprego, a ser mais independente e, enquanto não consegue, busca uma ocupação para preencher seu tempo em casa, enquanto Dave trabalha. Como ela não naturalizada americana, para trabalhar legalmente em Nova York, é necessário um visto definitivo que a torne cidadã americana legalizada. É aí que a surpresa, tanto para ela quanto para os leitores, é revelada. Para conseguir seu *green card*, Dave casou com uma mulher americana, pagando uma quantia em dinheiro por isso; prática comum no país. O problema, porém, aparece quando ela toma conhecimento de que ele se casou com outra antes do divórcio e decide ameaçá-lo em troca de mais dinheiro.

“A mulher americana com quem me casei para conseguir o *green card* está causando problemas”, disse, partindo devagar um pedaço de frango em dois, com a área dos olhos inchada. “Nosso divórcio estava quase finalizado, mas não completamente, quando eu me casei com você na Nigéria. Era só um detalhe, mas ela descobriu e agora está ameaçando me denunciar para o departamento de imigração. Quer mais dinheiro” (ADICHIE, 2017, p. 196).

Com isso, Agatha fica chateada com Dave, que lhe escondeu esse fato tão importante. Como justificativa ele apela para o sentimentalismo de Agatha, afirmando que ter conhecimento ou não do casamento, não teria diferença, pois ela não teria coragem de negar um pedido dos tios, já que eles a criaram a vida toda.

O longo diálogo iniciado por essa revelação inesperada segue um percurso gradativo em que a personagem feminina vai ficando enraivecida a cada fala de Dave, que é um homem esperto, calculista e que desde os arranjos para o casamento já tinha traçado um plano para se dar bem nos Estados Unidos. Por meio dele é possível perceber uma crítica aos americanos, como sendo um povo que pensa ser superior, em sua maioria incapazes de aceitar o diferente, caso do conto, assumindo uma postura racista, observada nas várias passagens citadas anteriormente sobre a imposição do comportamento americano à Chinaza.

O próprio Dave revela para Agatha os motivos que o levaram a se casar com ela. Primeiro, porque precisava de uma esposa e ouviu falar que ela era uma menina boa; segundo, porque talvez ela fosse virgem, o que descobriu não ser e, por último, “‘Eu fiquei feliz quando vi sua foto’, continuou ele, estalando os lábios. ‘Você tinha a pele clara. Eu tinha que pensar na aparência dos meus filhos. Negros de pele clara se dão melhor nos Estados Unidos’” (ADICHIE, 2017, p. 197).

A partir dessa citação percebemos a triste verdade. Por um lado, Dave está sendo preconceituoso com sua própria etnia ao afirmar que casou com Agatha pensando na cor da pele de seus filhos, aspecto que dialoga com as considerações de Fanon sobre a relação do negro com o branco e com o próprio negro: “o negro que quer embranquecer a raça é tão infeliz quanto aquele que prega o ódio ao branco” (2000, p. 26). Por outro, a preocupação do personagem com a cor da pele de seus descendentes revela um desejo em não os ver passar pelas mesmas dificuldades pelas quais ele passou, pelo mesmo sofrimento, pelo racismo, crime com grande recorrência em diversos países no mundo.

Esses elementos contidos no conto dialogam também com os estudos de Mbembe (2001) acerca da visão que o negro tem sobre si mesmo. Segundo ele, alguns fatores impediram o africano de reconhecer a si próprio enquanto sujeito consciente de sua independência. Por esse motivo muitos negros acreditam que a única forma de conquistar algum tipo de prestígio, social e financeiramente falando, é tornar-se o mais parecido possível com aquele que foi o responsável por sua colonização, ou seja, o homem branco.

Na sequência da narrativa, Agatha arruma suas coisas e vai embora sem avisar a Dave. Não tendo para onde ir, vai para o apartamento de Nia, sem saber bem o que fazer. Após algum tempo de conversa com a amiga, ela decide ficar nos Estados Unidos até que essa situação se resolva. Depois de tudo, “Nia veio se postar

ao meu lado, diante da janela. Ela estava certa, eu não podia ir embora por enquanto. Voltei para o apartamento do outro lado do corredor na noite seguinte. Toquei a campainha e ele abriu a porta, deu um passo para o lado e me deixou entrar” (ADICHIE, 2017, p. 200).

Ao final do conto, a personagem toma ciência de que não tem outra saída senão voltar para o apartamento do marido. Até ela se estabilizar em Nova York levaria muito tempo e sem um visto tudo se tornaria mais difícil. Embora ele a tenha enganado, escondendo seu casamento com outra mulher, ela precisa dele e ele, dela. Nessa relação de dependência recíproca, ambos percebem que a única opção que eles têm é ficarem vivendo juntos até tudo se resolver.

Considerações finais

A partir do conto analisado, é possível perceber a diferença cultural existente entre países africanos e americanos, onde os habitantes do segundo são considerados superiores aos do primeiro. Pelas imagens insistentemente repetidas no conto observamos a imposição da língua, da linguagem e da cultura americana a uma mulher africana como um reforço a certos tipos de estereótipos, como aqueles identificados por Bhabha (2013). Os personagens de “Os casamenteiros” vivenciam essa diferença principalmente através da linguagem. Ofodile (posteriormente Dave) impõe a cultura americana a sua esposa Chinaza (Agatha Bell), chegando a obrigá-la a abandonar os costumes de seu país, como por exemplo a maneira de falar, a culinária, entre outros.

Nesse sentido, um estudo de contos voltados para essa perspectiva, abordando a condição do negro no período pós-colonial a partir de sua representação literária, pode contribuir para a divulgação da literatura africana e, ainda, provocar discussões relevantes sobre questões culturais na nossa contemporaneidade. No conto analisado, os personagens vivenciam o embate cultural por meio de um casamento arranjado, em que há a tentativa de substituir a cultura africana pela americana.

Por fim, resta-nos evidenciar a importância da obra de Chimamanda Ngozi Adichie para a ascensão da literatura africana, bem como do empoderamento feminino, visto que ela, uma mulher negra e nascida em África, dá voz à outros africanos por meio da escrita literária. Além disso, ao tempo que a autora ganha destaque pelo mundo, atrai os olhares do mundo para África, através de uma escrita questionadora e bem elaborada.

CULTURAL EMBASE: AN ANALYSIS OF THE TALE OS CASAMENTEIROS, OF CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

Abstract: In the book of tales *No seu pescoço* (2017), the Nigerian writer Chimamanda Ngozi Adichie, presents narratives with diverse and quite current themes, that favor an analysis from the postcolonial theories, as well the studies of the culture. Thinking about this, this work analyzes the tale “Os casamenteiros”,

present in the above mentioned work, emphasizing the cultural shock experienced by the protagonist. We emphasize that through this marriage there is the attempt to dominate a culture perceived as white and therefore superior in relation to another, black and considered inferior.

Keywords: literary theory; contemporary african literature; post-colonialism; cultural criticism.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **No seu Pescoço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **O perigo de uma história única**. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QK17RPuhW8>>. Acesso em 06 nov. 2018. (Arquivo de vídeo).

_____. **Sejam todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

LOPES, Cássia. O leão e a joia: uma fábula do corpo. **Repertório**, Salvador, vol. 17, nº 23, p. 29-36, 2014.

MBEMBE, Achille. As formas africanas de auto-inscrição. **Estudos Afro-Asiáticos**, Jun, vol. 23, nº 1, p. 171-209, 2001.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

ARTIGO RECEBIDO EM 09/04/2018 E APROVADO EM 19/05/2018